

Pausa para ler 2024-2025

☞ Mariana e Martim tinham combinado um encontro para organizarem o aniversário dos seus quarenta e um anos, a celebrar em breve. Sempre que podiam, comemoravam juntos aquele nascer umbilical comum, embora as diferenças de carácter, tão concretas, se acentuassem cada vez mais. Irmãos gémeos. Falsos gémeos. Mas Mariana preferia dizer «dizigóticos» assim que o aprendeu, mesmo que soasse pretensioso. Falsos, muitas vezes, eram os nós em volta daquela família que tinha tudo para ser feliz, menos as pessoas certas.

– Somos gémeos dizigóticos, ou seja, crescemos em placentas diferentes, fruto de óvulos também distintos.

– E quem é o mais velho? – perguntavam com frequência.

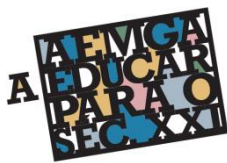
– Sou eu, mas o meu pai prefere dizer que é o meu irmão.

E as pessoas sorriam e achavam graça. A maioria anuía e dizia que sim, que era sempre bom ter um irmão mais velho. Porque um homem é um homem e é mais forte e pode tomar conta da irmã e protegê-la dos males do mundo. Alguns linguajavam, inconscientes dos danos letais daquela benevolência tirana; outros propagavam-na, certos da injustiça que infectava como vírus.

Na verdade, ninguém queria saber se Mariana era a mais velha ou não, nem que o fosse, como era, por minutos. A maioria achava bem que fosse escolhido o irmão para ser o mais velho, mesmo tendo nascido em segundo. E isso incomodava-a, como sempre a incomodou o tratamento que lhe era dado em benefício do irmão.

Primeiro, preferiu acreditar que seria uma espécie de distração caseira; depois, viu claramente que era intencional. Que era uma forma de estar tudo concordante com a estrutura social e cultural que a envolvia, com a paisagem de exemplos que havia de lhe moldar o ser. Ou não.

Na verdade, tinham em comum pouco mais do que a data de nascimento, os minutos intercalados de dor, os olhos verdes, a tez morena e os cabelos finos e escuros. Eram criaturas próximas e dissemelhantes. E a vida veloz foi revelando cada um em seu mundo paralelo e pontualmente distante, até àquele amiserado final de tarde, cada vez mais desassombrado.



Tiveram a mesma ama, frequentaram o mesmo colégio, passaram o mesmo tempo de infância, naquela casa, rodeada de laranjeiras, limoeiros, macieiras e canteiros cuidados, limpos de ervas daninhas. Partilharam as mesmas refeições à mesa, a bicicleta, até determinada idade, e jogos descomprometidos. Mas se o pai estava por perto, esse modo de estar, mais equitativo e pacífico, terminava num ápice:

– O teu irmão perdeu porque estava distraído. Ele é bem mais inteligente do que tu, Mariana. Vai brincar com as bonecas. – E Mariana, ponderando desobedecer, cumpria.

Colocava-as sentadas em fila, encostadas ao rodapé de madeira, pegava num livro e começava a ler-lhes histórias em voz alta até se esquecer de si, contrariada. E tantas vezes a mãe:

– Mariana, filha, deixa os livros agora. Brinca ou vem ajudar-me.

E Mariana ia ajudar. Às vezes ia. Enquanto ainda parecia ter escolha.

– Tens de aprender, filha. A fazer a cama. A dobrar a tua roupa. A arrumar a loiça. Eu e a Ana ensinamos-te. Uma menina tem de saber cuidar da casa, tem de saber cuidar de tudo. Não é assim, Ana Maria?

– É sim, minha senhora – dizia Ana Maria, de sorriso submisso e acomodado naquele ser assim, secular, que resistia. Que parecia resistir até à insanidade.

Enquanto isso, na maioria das vezes, Martim andava pelo quintal, passeando e observando, debruçado sobre uma locomotiva ou um carro de corrida. Desaparafusava tudo e, quando era capaz, voltava a construir tudo de novo. Um dia, quando se atreveu a pular o muro do quintal, desequilibrou-se e caiu.

A mãe saiu de casa, esbaforida em seu socorro, limpando-lhe as lágrimas e dizendo:

– Pronto, pronto, meu amor... Não chores. Um homem não chora. Um homem nunca chora. És forte ou não és forte?

Martim, ao seu colo, dizia-lhe que sim com a cabeça, num choro incontido e caudaloso que atingia os seus joelhos esfolados e fazia arder ainda mais os arranhões.

– Vamos lá desinfetar isto e lanchar. A mamã e a mana vão-te preparar um lanche delicioso, vais ver.